

**Educação formal significa trabalho? Um olhar sobre jovens do campo no Alto
Sertão da Bahia**

Tharcizo Augustho Amado Pereira Alves
Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil
Endereço eletrônico: tharcizo@gmail.com

Wagnervalter Dutra Junior
Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: wdutra@uneb.br

1826

Palavras-chave: Educação. Juventude do campo. Trabalho

INTRODUÇÃO

Este texto é um recorte baseado na dissertação de mestrado intitulada “Trabalho e Práticas Formativas do Movimento Sindical Rural: A Resistência dos/das Jovens do Campo Frente às Investidas do Capital.”¹ E tem como objetivo discutir sobre o papel da educação formal na vida profissional dos e das participantes a partir de suas experiências de trabalho.

Segundo dados do IBGE o número de desempregados no Brasil durante o período do segundo trimestre de 2021 chegou à casa dos 14,4 milhões fazendo a taxa de desocupados chegar a 14,1% da população ativa, movidos por dados semelhantes registrados desde o começo deste mesmo ano o Núcleo Brasileiro de Estágios (NUBE)² realizou uma pesquisa com recém formados entre 2019 e 2020 em que identificou que mais da metade deles estavam sem trabalhar e que cerca de 29% estavam sem emprego a mais de um ano.

1 Pesquisa que buscou analisar como as práticas formativas do movimento sindical rural do Polo sindical de Guanambi-BA, foi realizada entre os anos de 2019 a 2021. Pesquisa aprovada pelo comitê de ética pelo parecer N°: 3.691.912.

2 “O Nube é uma das maiores corporações privadas de colocação de jovens no mercado de trabalho. Começou atuando como agente de integração entre estudantes, empresas e instituições de ensino. A partir daí, passou a oferecer vagas para aprendizagem, por meio de organizações parceiras.” Disponível em: <<https://www.nube.com.br/quem-somos>>.

Realização:



Apoio:



A educação formal está sob o controle do capital, sob os valores e desejos do Banco Mundial, uma educação que forma um vasto número de trabalhadores com cada ciclo que se conclui, a grande surpresa dessas pessoas é saber que a educação formal não estava lhes preparando para a vida em si, mas para uma proposta de vida idealizada, porém irreal.

Dessa forma, o núcleo das propostas burguesas para o campo da educação escolar, atribuem a ela o papel de propulsora das transformações sociais. Trata-se, todavia, de proposições no campo da educação de formação “flexível” segundo a lógica do mercado, que inclui noções supostamente novas, mas que de “novo” engendram fundamentalmente a responsabilização do fracasso aos trabalhadores. Não por acaso, disseminam-se noções vinculadas às bandeiras da “competência”, “empregabilidade”, “qualidade total”, “empreendedorismo”, entre outros (GOMES; FERRAZZO; LÔBO, 2018, p.50).

1827

METODOLOGIA

Nossa pesquisa tem como método o materialismo histórico dialético que foi fundado por Karl Marx. Baseado em Triviños (1987), foi realizada uma pesquisa de campo com 28 jovens do campo que estão inseridos no movimento sindical, com idade de 15 a 32 anos, faixa etária utilizada pelo movimento para designar a juventude. Utilizamos como instrumento a pesquisa semiestruturada em grupo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando falamos com os jovens participantes de nossa pesquisa sobre o papel da educação formal em suas vidas de trabalhadores rurais as respostas são diversas, mas apontam para uma direção, vejamos o exemplo de uma participante.

A escola teve alguma importância para o seu trabalho no campo?

Pra mim não, por que tudo que eu aprendi foi lá, na prática lá com meu pai. A roça é mais assim prático, mão na massa mesmo. Mas na escola umas coisas, área dimensão de terra, na escola ensina sim essas coisas, só que na prática a gente aprende muito mais. (ENTREVISTADA 04, informação verbal, 2021).

Realização:



Apoio:



Nesse sentido podemos pensar em consonância com Rossi (2018) quando questionamos o papel da educação na sociedade capitalista, tem se pensado na inserção desse ser humano como um ser ativo e participante socialmente? Essa educação que nos é proporcionada ao longo de nossa vida nos forma como membros orgânicos da humanidade? Ou estamos apenas nos constituindo como mão-de-obra disponível?

Esses questionamentos partem da angústia da Entrevistada 04, que não é só dela, é resultado da forma de organização da educação capitalista, seja o currículo, as políticas públicas, as regras, que se organizaram a partir das tendências apontados pelas instituições de fomento, pensadas a partir da perspectiva da exploração do trabalho assalariado, que exclui toda outra possibilidade de existência, assim aquilo que é aprendido na escola para além do básico (ler, escrever) se torna um aglomerado de conhecimentos que o estudante simplesmente não tem onde usar.

No seu trabalho no seu dia a dia, você consegue aproveitar as coisas que aprendeu na escola?

Algumas coisas sim, agora outras eu não sei nem explicar porque, é como eu to dizendo é só ler e escrever e as contas, por que a pessoa era um pouco desinteressada na escola então nunca fui muito boa em geografia em ciências era só mesmo português e matemática, até falava pro professor que pra mim só interessava essas duas matérias, mas teve importância sim, até por que se eu não tivesse estudado ficaria um pouco difícil, como é que eu ia viver no mundo de hoje, né? Hoje é um pouco complicado. (ENTREVISTADA 05, informações verbais, 2021)

A educação pensada a partir do mercado de trabalho, busca formar os trabalhadores a partir de uma perspectiva individualista e meritocrática, impondo assim os conhecimentos que seriam mais importantes ou não para sua vida a partir do processo de convencimento ideológico, super valorizando determinados conhecimentos em relação a outros.

Como apontam Braga e Lopes (2019) o Banco Central e outras instituições de fomento investiam principalmente no ensino fundamental, naquilo que era básico ao trabalhador, como já foi dito, e como o banco influenciava as políticas públicas que financiavam a educação, os outros segmentos educacionais acabaram sendo sucateados pelo Estado, precarizando a formação de mão de obra qualificada.

Por outro lado, nós temos uma educação técnica que possibilita aos trabalhadores desenvolverem um ofício, ou se aprimorarem em algo que já desenvolvem, como é o caso

Realização:



Apoio:



dos jovens de comunidades rurais que vão para escolas “agro técnicas” e recebem uma formação voltada para o trabalho no campo, levando-os a dois caminhos, voltar para suas comunidades e atuar na “labuta” com a família ou partirem para as fazendas do agronegócio.

A escola te ajudou em alguma coisa no seu trabalho no campo?

No meu trabalho no campo, como trabalhador rural que foi... foi excelente, porque através da Escola Técnica, como a colega falou, aqui essa escola não as escolas que não reforça tanto pra agricultura familiar em geral no campo, e tem uma matéria de Educação Ambiental mas não é... não avança tanto na nossa área do Meio Rural, mas através da Escola Técnica eu... foi um conhecimento bom, por que lá eu soube planejar, lá gente estudou planejamento, hoje eu sei o que eu vou fazer hoje na minha roça... na minha roça hoje, se eu for plantar aquilo, eu devo antes planejar, o tipo de semente, planejar o solo, planejar o tipo de irrigação, então já tem esse pensamento que eu adquiri lá, outra coisa também muito importante que eu aprendi... aprendi sobre a variedade de sementes, sobre adubos, quais são adubos que a planta tem... então eu aprendi várias e várias outras coisas lá, através de lá eu adquiri vários conhecimentos e hoje eu trouxe pra minha vida e estou trabalhando num órgão que é público, né? e estou passando também para as demais pessoas (ENTREVISTADO 06, informação verbal, 2021).

1829

Não estamos falando de uma formação revolucionária, a educação técnica que é proporcionada para os jovens segue o mesmo padrão linear daquela que não é especificamente técnica, nem todos eles têm a oportunidade de atuarem em suas comunidades, e mesmo em suas comunidades a forma de manejo da terra ainda é pensada a partir da lógica capitalista.

Mas não é somente a perspectiva de formação que define se e onde esse trabalhador vai atuar.

Segundo Rossi (2018) a educação é influenciada e influencia o trabalho, mas o capitalismo “[...] estruturalmente coloca seus imperativos de reprodução acima dos interesses e necessidades humanas” (p. 54), então a educação por si só não é capaz de alterar as determinações histórico-sociais já estruturadas, por isso as diversas propostas de educação emancipadoras não passam de propostas, pois partem da escola para a sociedade.

A grande questão que emerge para nós, como aponta Antunes (2018) é que profissionais qualificados estão se tornando em um ritmo cada vez mais acelerado força de trabalho sobrando, como já apontamos anteriormente sobre o processo de “uberização

Realização:



Apoio:



do trabalho”. O sistema educacional forma cada vez mais trabalhadores qualificados, mas o mercado de trabalho os ocupa em funções que sua formação é irrelevante e desnecessária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estado burguês garante a reprodução dos valores capitalistas, exercendo o seu papel na tríade Estado, trabalho e Capital, em que os três precisam se organizar a partir dos interesses comuns de uma pequena parte da humanidade em detrimento da vida da outra parte, buscando promover a dinâmica da exploração. A criação de uma vida para o trabalho alienado, abstrato, transforma o ser humano em um pedaço de carne que pode comprado e vendido. O trabalhador não pode refletir sobre sua condição de explorado e mesmo que a educação sempre apareça como elemento de disputa entre as classes, no seio do capitalismo, toda alternativa educacional que se proponha a alterar as bases reais do processo de exploração, estará a serviço da ordem vigente.

Não é a educação que causa os problemas sociais e mesmo atrelada de forma vital aos interesses capitalistas, é um espaço que precisa ser conquistado, a educação formal pública, oferecida pelo Estado, é a responsável pela formação de uma grande parcela da classe trabalhadora, não podemos abandoná-la, criar uma nova perspectiva de sociedade também não será capaz sem a disputa classista da educação formal, o que podemos e devemos fazer é fazer a crítica concreta e real.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão o novo proletariado de serviços na era digital**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRAGA, D. S.; LOPES, T. C. D. A educação sob a lógica do capital: constituição e consolidação das políticas educacionais em países periféricos do capitalismo mundial. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 17–27, 2019. DOI:10.9771/gmed.v11i1.26393. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/26393>. Acesso em: 25 nov. 2021.

Realização:



Apoio:



GOMES, M. A. de O.; FERRAZZO, G.; LÔBO, C. B. A EDUCAÇÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO PARA O MERCADO: A “EMPREGABILIDADE” E A PRODUÇÃO DO TRABALHO SUPÉRFLUO. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 48–57, 2018. DOI: 10.9771/gmed.v10i2.23519. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/23519>. Acesso em: 25 nov. 2021.

NUPE-NÚCLEO BRASILEIRO DE ESTÁGIOS. **Pesquisa aponta que 5 em cada 10 formados entre 2019 e 2020 estão sem trabalhar**. 2020. Disponível em: <<https://www.nube.com.br/clipping/2021/04/18/pesquisa-aponta-que-5-em-cada-10-formados-entre-2019-e-2020-estao-sem-trabalhar-diario-do-centro-do-mundo>>. Acesso em: 9 set.2021.

ROSSI, R. **Lukács e a educação**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Realização:



Apoio:

